

Resenha

Sobre

Essenciais são os livros não escritos: últimas entrevistas, de György Lukács

Vitor Bartoletti Sartori*

As entrevistas a que o leitor tem acesso em *Essenciais são os livros não escritos* são de enorme valor. Primeiramente, isto ocorre porque elas mostram o posicionamento concreto de um dos mais importantes intelectuais marxistas do século XX: György Lukács. Trata-se de um autor cuja história de vida, em diversos aspectos, confunde-se com a história do conturbado século XX. Saído de origem burguesa (seu pai estava ligado a bancos na Hungria), e tendo estudado com os melhores pensadores burgueses da época, como Max Weber, Lukács radicaliza-se politicamente diante da tragédia da Primeira Guerra Mundial. Tendo em vista as esperanças trazidas pela Revolução Russa, torna-se socialista. E, nas entrevistas que são apresentadas ao leitor, fica muito claro que ele apoiou esta revolução até o final de sua vida. Mesmo tendo sido atacado fortemente pelo estalinismo, o autor permanece firme em solo socialista, tendo passado pela Hungria, seu país de nascimento, pela URSS e pela Romênia em momentos diversos da política do bloco soviético. Estas diferentes localidades onde Lukács fixou residência marcaram sua vida em diferentes momentos da história do século XX, e da vida do nosso autor, como as Revoluções Húngaras de 1919 e de 1956, em que teve participação ativa. Ou seja, os relatos a que o leitor tem acesso após a cuidadosa organização de Ronaldo Vielmi Fortes, e a revisão técnica de Alexandre Árbia, expressam uma parte importante da história e das lutas da classe trabalhadora, que até hoje ainda nos tocam de diversas, e por vezes dramáticas, maneiras.

Nas entrevistas, Lukács procura esclarecer estes momentos e estas lutas, ao mesmo tempo em que o faz remetendo à situação de sua época, que ele não vê com grande otimismo no curto prazo. Embora afirme várias vezes que o pior socialismo é melhor que o melhor capitalismo, nosso autor ainda aponta a vigência do estalinismo por um bom tempo e, diriam alguns, no limite, até hoje.

Segundo Lukács, isto levaria à consequências graves para o movimento socialista: à cegueira teórica – e, portanto, na avaliação acertada das situações concretas – dos marxistas diante da realidade da época. Com isto, não haveria

* Vitor Bartoletti Sartori é professor da UFMG, mestre em história social pela PUC SP, doutor em filosofia e teoria geral do Direito pela USP. Autor de *Lukács e a crítica ontológica ao Direito e Ontologia nos extremos: o embate Heidegger-Lukács, uma introdução*.

qualquer compreensão minimamente acertada da real natureza da sociedade do final do século XX. Nesta sociedade, o setor de serviços, ao contrário da época de Marx, é proeminente na medida em que está plenamente subsumido à valorização do valor e, portanto, à reprodução do capital. Com isto, o caráter manipulatório da práxis não se atém somente ao processo imediato de produção: abrange esferas como a circulação, a distribuição, a troca e, enfoca bastante nosso autor, o consumo. Isto seria proeminente no “american way of life”, mas não deixaria de explicitar a necessidade de reformas econômicas radicais no mundo socialista. No primeiro caso, diz nosso autor, os trabalhadores poderiam até mesmo possuir tempo livre, mas este último seria marcado por atividades estranhadas e reconciliadas com a existência de uma sociedade baseada na autovalorização do valor. Já no segundo caso, tem-se, de modo mais basilar, uma produção que não é realizada pelos produtores livremente associados, mas de modo burocrático e subordinado a uma divisão do trabalho estranhamente. Tem-se também uma esfera pública estatal e sem uma perspectiva socialista estratégica. Longe de superar a oposição entre o burguês e o cidadão, como teria postulado Marx desde a década de 1840, na URSS, ter-se-ia uma espécie de elogio da cidadania, que levaria a certa incapacidade de se pensar a transformação socialista substancial da sociedade, transformação esta que precisaria daquilo que o autor chama de “democracia da vida cotidiana”.

Ou seja, os métodos estalinistas teriam dominado a vida pública mesmo depois do XX Congresso do PCURSS: a defesa taticista do interesse imediato seria elevada a um patamar de verdade de modo dogmático e acrítico. E, com isto, a estratégia socialista seria inviável e estaria completamente ausente no movimento socialista. Este último, assim, estaria em uma encruzilhada: não teria compreendido a sociedade atual, teria deixado de lado a compreensão reta da obra de Marx, não conseguiria desenvolver uma visão verdadeiramente marxista; ao mesmo tempo, colocava-se com ares de superioridade diante da decadência da teoria e do pensamento burguês. E, se o pensamento burguês não teria mais o que oferecer em termos efetivamente científicos, o dogmatismo estalinista não iria muito mais longe, colocando-se como um entrave ao próprio socialismo.

Diante deste quadro, Lukács, modestamente, diz ser necessário um renascimento do marxismo. Primeiramente, seria necessário compreender aquilo que Marx teria a oferecer, o que é muito, e que ficou oculto com os postulados simplificadores, não raro, vigentes. Nosso autor buscou realizar esta empreitada em sua obra tardia, ligada ao desenvolvimento de uma *Ontologia do ser social*. Porém, isto não bastaria, embora fosse um passo essencial e necessário. Seria preciso escrever um *O capital* do século XX (e, hoje podemos dizer, do século XXI); ou seja, o método de Marx, devidamente compreendido, teria um papel central na apreensão do movimento do próprio real. E somente com esta apreensão seria possível avançar teórica e praticamente em direção a uma estratégia socialista.

Enquanto isto não acontece, de um modo ou de outro, diz nosso autor, ainda estamos em meio ao domínio do stalinismo, de seu taticismo e de sua natureza burocrática e manipulatória. A grandiosidade da Revolução Russa, ligada ao desenvolvimento de conselhos, à participação ativa das massas, teria perdido força, sendo necessárias reformas, não só políticas, nos países do bloco soviético; principalmente, seria urgente modificar as relações econômicas da sociedade, no sentido da participação da classe trabalhadora e da constituição de indivíduos livremente associados. E isto, infelizmente, ainda estaria longe de acontecer, segundo Lukács. E, assim, em suas entrevistas, que vão de 1966 até o ano de sua morte, em 1971, nosso autor expressa-se de modo bastante direto sobre seu século, marcado tanto pelas potencialidades liberadas pelo ideário e pelas práticas socialistas, quanto pelo irracionalismo e pela reação. Ou seja, deparamo-nos com uma intervenção concreta do grande marxista húngaro, que é bastante duro diante da crise gêmea que ele enxerga, tanto nos países capitalistas, quanto nos países ligados ao bloco soviético. De um lado, traz a necessidade de uma revolução social – que ele não enxerga no futuro próximo, dados os tempos de “coexistência” – doutro, ele acredita que seria possível uma reforma radical no sistema social dos países do leste.

A história mostrou que esta reforma não foi possível, e explicitou a necessidade de uma transformação global das relações econômicas vigentes. No que também podemos destacar que estamos diante de um importante livro, porque muitos dos fantasmas que assolam até hoje parte da esquerda (como o dogmatismo stalinista e o ecletismo teórico) são duramente criticados pelo autor.

A necessidade de uma compreensão profunda da realidade social é colocada em destaque por nosso autor na medida em que o método de Marx seria ainda extremamente proveitoso, precisando ser esclarecido e popularizado, com o renascimento do marxismo. Com isto, poder-se-ia novamente compreender a realidade social sem remeter à jargões ossificados ou ao idealismo inerente a todas as formas de ecletismo. Diante de um momento em que as transformações no modo de produção capitalista saltam à vista, os alertas de Lukács podem ser bastante importantes e proveitosos.

Tentar voltar ao taticismo que caracterizou grande parte do movimento socialista do século XX é uma insensatez, sendo igualmente ilusório tentar complementar o marxismo com a filosofia e com a teoria social burguesas. De um lado, aquilo que nosso autor caracterizou como uma apreensão ingênua e ossificada da realidade, doutro, o idealismo que acredita poder mudar a própria realidade ao modificar o modo de se referir a ela, o que se dá, diz Lukács, de modo mais ou menos manipulatório. O capitalismo manipulatório, que o autor de *Essenciais são os livros não escritos* analisa, ainda marca grande parte de nossas atividades. E, assim, suas ressalvas e críticas são muito bem-vindas.

No plano teórico, nosso autor reafirma algumas posições polêmicas, como aquela segundo a qual não haveria nada realmente novo no pensamento burguês depois de Hegel. Se é verdade que a economia de um Galbraith, por exemplo, poderia fornecer um material útil às pesquisas sobre o capitalismo, e mesmo sendo preciso estudar alguns trabalhos sociológicos burgueses sérios, não se poderia dizer que o pensamento comprometido com o modo de produção capitalista fosse essencialmente científico. De modo mais ou menos apologético – com uma apologia direta ou indireta, diria nosso autor na obra *Destruição da razão* – a apreensão da realidade social teria se tornado parcelada e cega diante do real movimento das relações sociais de produção. Lukács, portanto, é muito duro: ao contrário dos autores da chamada escola de Frankfurt, não vê de modo essencialmente positivo autores como Nietzsche e Freud. Tais autores, largamente populares em parcelas da esquerda da época de nosso autor, influenciaram toda uma gama de pensadores que são centrais para o pensamento tido como crítico de hoje em dia, como Agamben, Foucault, entre outros. Ou seja, o renascimento do marxismo talvez fosse visto por Lukács como mais necessário que nunca. Isto ocorre até mesmo porque, embora nosso autor enxergue alguns avanços pontuais no campo marxista, ele não vê uma grande obra de envergadura e genuína continuação do pensamento de Marx desde *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, de Lenin. Ou seja, o pensamento burguês seria mais anacrônico que nunca; o pensamento socialista precisaria se reerguer. O diagnóstico de Lukács, portanto, não é dos mais otimistas quanto à sua época; mas isto, diz nosso autor, não é simplesmente uma questão de vontade ou de valores, trata-se da apreensão reta da própria realidade efetiva.

Isto, porém, nunca o leva a qualquer posição fatalista, trágica, ou algo do gênero. A sua crítica é aquela de alguém que não repousa diante das possibilidades, antigas e novas, que podem ser abertas na história e que precisam ser compreendidas de modo cuidadoso e sem ilusões. As tarefas do movimento socialista seriam gigantescas, mas, ao mesmo tempo, seriam as únicas capazes de tornar efetivas as potencialidades desenvolvidas ontem e hoje e que poderiam levar a um mundo socialista.

Referências

- LUKÁCS, György. *Aportaciones a la historia de la estética*. Trad. Manuel Sacristan. México: Ediciones Grijalbo, 1965.
- _____. *Conversando com Lukács*. Trad. Giseh Vianna. Alagoas: Instituto Lukács, 2014.
- _____. *Destruição da razão*. Trad. Rainer Patriota. Alagoas: Instituto Lukács, 2020a.
- _____. “Diálogo sobre o Pensamento Vivido”, *Revista Ensaio*. Trad. Equipe Ensaio. São Paulo, n. 15/16, 1986.

- _____. *Essenciais são os livros não escritos: últimas entrevistas*. Trad. Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2020b.
- _____. *Estética, La peculiaridad de lo estético*. Trad. Manuel Sacristan. V. III – Questiones Preliminares y de Principio. México: Ediciones Grijalbo, 1966.
- _____. *Notas para uma ética*. Trad. Sérgio Lessa. Alagoas: Instituto Lukács, 2015.
- _____. *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018a.
- _____. *O jovem Marx e outros escritos filosóficos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- _____. *Ontologia do ser social I*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.
- _____. *Ontologia do ser social II*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo*. Trad. Cristina Alberta Franco. Viçosa: UFV, 1999.
- _____. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- _____. *Socialismo e democratização*. Trad. José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

Recebido em 13 de setembro de 2021
Aprovado em 21 de dezembro de 2021